



As fotos em Belo Horizonte são de Osvaldo Luis Palermo, Osvaldo Jurno e Reginaldo Manente.

Mortes e muita gente ferida, o saldo de um dia trágico em Belo Horizonte. (Veja tudo o que aconteceu nas oito páginas seguintes e na última; inclusive as honras em Brasília.) Hoje, o corpo de Tancredo chega São João del Rei e as autoridades estão temerosas de que tudo se repita.

A tragédia de Minas

O portão de entrada do Palácio da Liberdade balançou forte. Os soldados que formavam a primeira linha de bloqueio do lado de fora foram pressionados contra os ferros, tentaram resistir, mas não conseguiram fazer o povo recuar.

Eram 15h46, o portão abriu-se, o povo estourou. Uma senhora de cor que estava na frente foi atirada ao chão, caiu, foi pisoteada. Outros caíram logo atrás, mas conseguiram levantar. A mulher, quando retirada, já estava morta.

Do alto da sacada do palácio, as autoridades tudo assistiam. O governador Franco Montoro tentou conter o povo com gestos, o locutor oficial do governo de Minas Gerais, Sérgio Amaral, gritava pedindo calma.

Estava delineada uma tragédia. Uma tragédia que poderia resultar em dezenas, centenas de mortos. Foi exatamente nesse momento que dona Risoleta tomou o microfone das mãos do locutor, e, diante de tantos políticos, sob o cruxifixo do altar improvisado, falou para o povo mineiro e conteve uma grande catástrofe.

Poderia ter sido muito pior. Ao final da noite, cinco pessoas já estavam mortas — um rapaz de 20 anos, Alexandre Martins — e quatro mulheres entre 50 e 60 anos que não portavam documentos. Mais quatro feridos estavam em estado grave na Unidade de Terapia Intensiva do Pronto Socorro João XXIII, uma delas com poucas chances de sobreviver.

A maioria dos feridos sofreu traumatismo torácico. Só o pronto-socorro atendeu mais de 300 pessoas, sem falar dos cinco postos espalhados pela praça que socorriam mais de 500 pessoas com escoriações leves, ataques de histeria.

Antes, tranqüilidade.

Desde a manhã as emissoras de rádio tentavam orientar o povo, sobre o último adeus ao presidente. Pediam que ficassem no trajeto por onde haveria de passar o esquife, desde o aeroporto da Pampulha até o Palácio da Liberdade.

O povo parecia ter atendido a mensagem, tanto assim que, até a chegada do corpo em Belo Horizonte, a praça estava tranqüila, com muito espaço para ser preenchido.

Na entrada do palácio, o povo estava separado por grades móveis, abrindo o caminho pela alameda Travessia, por onde entraria o carro do Corpo de Bombeiros com o esquife. Delegações chegavam ordeiras de várias cidades próximas e distantes, a maioria delas com faixas e trajando alguma peça de roupa em amarelo, lembrando ainda a campanha pelas diretas.

Na alameda Travessia — com seus 500 metros bem diante do palácio, as 23 palmeiras imperiais de cada lado —, as árvores repletas de crianças e as faixas mostravam que a despedida do presidente Tancredo Neves seria algo emocionante,

capaz de causar uma grande comoção.

O major Natal fez a última vitória sobre o esquema que estava montado, com 800 PMs na praça, de dois em dois metros, separando o povo apenas por um cordão verde-amarelo. Não havia um único soldado do Exército, apenas os policiais militares estavam destacados — cerca de 4.600 ao todo —, sendo que só os oficiais estavam armados de revólver.

As faixas ornamentavam toda a alameda, com dizeres escolhidos: "Tancredo, você tomou posse do nosso coração."

"A liberdade não morrerá, enquanto os homens morrerem por ela."

Mais de cem corbeilles enfeitavam toda a frente do palácio, ao lado de uma bandeira brasileira também em flores, mas a cor se confundia por toda a praça, com as bandeiras nos prédios vizinhos, e uma única marca de luto, inconfundível, justamente no Condomínio Oscar Niemeyer, onde o presidente era proprietário do apartamento do 11º andar. Desde a cobertura, descia uma faixa de tecido negro com um metro de largura, chegando quase até o chão.

Enquanto os locutores oficiais do palácio continuavam informando sobre o trajeto do esquife, notava-se que, por volta das 14h20, o sol estava presente, uma brisa e a temperatura marcava 25 graus. Tudo absolutamente normal.

Mais do que isso. Enquanto esperava, muita gente que ali se reunia desde o começo da manhã cantava o Hino Nacional. Os políticos e autoridades circundavam o palácio e entravam pelo Palácio dos Despachos, ao lado do Palácio da Liberdade. Lá dentro, tudo também parecia tranqüilo. Seis cisnes negros e um branco mergulhavam pelo lago.

As autoridades que haviam chegado mais cedo procuravam entrar pela porta atrás do Palácio da Liberdade, para aguardar o esquife. Entre os mais conhecidos estava o senador pedessista Murilo Badaró, que era cumprimentado por outros políticos menos conhecidos. A todos cochichava a mesma coisa:

— Precisamos tratar da reconstrução do nosso partido.

Todos entraram. Na ante-sala, o retrato de todos os ex-governadores de Minas. No canto, o retrato de Tancredo Neves sorridente, ao lado do de Francelino Pereira. Por um corredor estreito, sob as escadas que levavam até a sacada — onde estava o altar improvisado e onde Tancredo Neves fez seu último discurso —, os Dragões da Independência fechavam a passagem, cruzando lanças. Uma câmara de televisão estava no alto, instalada para acompanhar a visitação pública no seu último adeus ao presidente.

Passavam três minutos das 15 horas quando o ex-assessor do presidente, o jornalista Mauro San-

O povo força o portão do Palácio: cinco mortos e centenas de feridos.

tayana, saiu no jardim com um ar de muita preocupação. O carro do Corpo de Bombeiros estava transportando o corpo do presidente numa velocidade muito grande, tão grande que o povo não conseguia dar o seu adeus, e se dirigia em massa para a praça. Santayana, com sua experiência, já havia percebido que a Praça da Liberdade, mesmo com a alameda Travessia, não podia suportar toda aquela gente. Era um sinal de perigo:

— Mas tudo foi tão bonito em São Paulo, o cortejo calmo, repetia Santayana.

Começa o perigo

Nessa altura, o cortejo já estava quase chegando, entre as avenidas Afonso Pena e João Pinheiro, e notava-se que a multidão se comprimia cada vez mais. A esperança era de que, ao passar o cortejo e retiradas as cordas da alameda Travessia, o povo obtivesse mais espaço. Mas aconteceu o contrário. Um grupo que portava uma faixa do PC do B, "Tancredo vive na unidade do povo", começou a puxar o grito:

— O povo unido jamais será vencido.

Quando dona Risoleta passou, às 15h14, minutos, vestida de negro, o povo aplaudiu, e o locutor anunciou:

— A primeira dama do povo brasileiro está chegando. A dama de ferro.

Logo em seguida entrou o governador capixaba Gérson Camata, e a banda da PM começou a se preparar para receber o esquife do presidente sob acordes da "Marcha Fúnebre", de Chopin.

O governador Franco Montoro entrou em seguida, acompanhado por dona Lucy, sua esposa, e, ao ser anunciado pelo alto falante, foi aplaudido.

Os fotógrafos obrigaram a parada do carro dos bombeiros ao fim da alameda Travessia. Todos puderam fotografar e, em seguida, os cadetes entraram com o corpo do presidente, tendo à frente o chefe da Casa Civil Castelo Branco, o governador Hélio Garcia, o ministro Francisco Dornelles. Eram 15h21. Logo em seguida, o povo voltou a gritar:

— O povo unido jamais será vencido.

E as pessoas que estavam à frente eram atiradas contra os gradis. Os policiais procuravam conter e não conseguiram: velhos, jovens, crianças eram pressionados de uma forma terrível. A situação tornava-se insustentável a cada minuto, os locutores oficiais não conseguiam controlar o povo com seu comando. Gritavam desesperados.

— Calma, calma. Você terão oportunidade de visitar o presidente até amanhã cedo.

Loucura

O povo não ouvia. O que se ouvia de dentro do Palácio da Liberdade eram gritos assustadores, pessoas que queriam voltar e não podiam; mulheres com crianças no colo, que os policiais procuravam tirar daquele inferno humano. E diante do portão principal, uma fila de soldados comprimida pelo povo, com as costas pressionadas contra os ferros.

Um rapaz de barba subiu no portão. Usava uma camisa amarela. Foi até o topo, levantou o braço com o punho fechado e gritou: — O povo unido jamais será vencido.

Do alto da sacada, às 15h41, o governador Franco Montoro, ao lado de dona Lucy e do ministro José Aparecido, já haviam percebido que o perigo era iminente. A situação, insustentável. Todos os pares do presidente, do alto da sacada, estavam aflitos. Lá embaixo, o portão balançava.

As 15h46, o perigo de morte. O povo estourou. Cerca de 50 soldados correram no mesmo momento em socorro aos seus companheiros. Os gradis móveis dentro do palácio começaram a cair um a um, o povo corria, a polícia procurava conter a multidão. Do lado de fora, um gradil com mais de 80 quilos caiu sobre as pessoas. Uma delas teve a perna fraturada.

O governador Hélio Garcia pegou o microfone e gritava, enquanto o povo era contido a muito custo pela PM, que tentava fechar o portão depois da morte de uma mulher e de dezenas de feridos que passavam carregados até a enfermaria improvisada atrás do palácio.

— Povo de Minas. Povo de Minas — gritava o governador. Em nome do presidente...

E ninguém ouvia.

O locutor oficial tentou rezar o Padre-Nosso. Rezou as primeiras frases sozinho.

As 15h52, dona Risoleta apareceu na sacada. Ao lado do governador Montoro, do assessor Antônio Brito, tomou o microfone e o povo aplaudiu.

Enquanto dona Risoleta falava, os policiais conseguiram fechar o portão, e ouvia-se um só grito na praça:

— Risoleta, Risoleta.

Finalmente, faltando um minuto para as 16 horas, o portão lateral foi aberto para que o povo pudesse dar o seu adeus ao presidente. E dona Risoleta continuava tentando acalmar o povo.

Na enfermaria improvisada, em apenas 20 minutos mais de 50

pessoas já haviam sido atendidas. Uma estava morta, a mulher que foi pisoteada.

No pronto-socorro

Os policiais corriam com os feridos no colo, os médicos procuravam dar o primeiro socorro, as seis ambulâncias não eram suficientes. Em poucos minutos, todos os carros oficiais que estavam estacionados dentro do palácio também começaram a transportar os feridos em alta velocidade. Morreu o segundo ferido, Alexandre Martins, de 20 anos, que teve uma parada cardíaca. Um tenente médico, doutor Higino, que não queria ver seu nome nos jornais, tentou fazer uma respiração boca-a-boca. Mas não conseguiu salvá-lo. Alexandre chegou morto ao pronto-socorro.

No pronto-socorro João XXIII, nunca se viu um movimento tão grande. O hospital tem capacidade para atender cem casos simultâneos, mas em menos de quatro horas já haviam sido atendidos mais de 300, a maioria dos feridos com traumatismo torácico.

Um sem-número de sapatos, bolsas e documentos estavam amontoados, perdidos. O contador Cláudio Fernandes, de 20 anos, não sabia explicar com o que tinha conseguido sair com vida. Estava descalço, perdeu os sapatos, mas salvou a sua vida.

Cláudio trabalha nas proximidades do Palácio da Liberdade e resolveu, por volta das 14 horas, ver o presidente. Ficou na frente e viu que aos poucos a praça começou a ficar cheia e não conseguia mais voltar. Ele é alto — cerca de 1m80 de altura e 75 quilos — mas mesmo assim, por estar na frente, começou a ser empurrado, e o portão fechado. Começou a ver pessoas passarem mal, desmaiarem, crianças chorando e não podia fazer nada.

— Já não havia espaço para ninguém. Alguns policiais ainda tentaram entrar na nossa frente para empurrar. Eles empurravam de lado, nós íamos e voltávamos.

Cláudio ouvia pessoas falando atrás:

— Só tem um jeito, vamos invadir.

Cláudio sentiu que quando dona Risoleta chegou à sacada, o povo sossegou um pouco, ficou mais tranqüilo.

Dona Risoleta falou o quanto pôde. Ora em tom dramático, ora recuperando-se, em tom normal, e logo em seguida, a professora de ioga Maria José Marinho, usando a sua técnica, também tentou seguir o caminho da primeira dama.

— Respirem fundo, levantem a cabeça, tenham calma...

O povo voltou a ficar intranqüilo, e foi apenas às 17h23 que, finalmente, se pôde respirar com tranqüilidade dentro e fora do Palácio. O bispo d. João usou o microfone, procurou comparar este momento de visitação ao presidente Tancredo com a visita do papa, e pediu que todos lembrassem de agrade-

cer ao doutor Tancredo tudo, quanto ele fez pelo Brasil.

— Para mim, a maior qualidade do doutor Tancredo é a sua capacidade de conciliação, de unir as pessoas, acalmar os espíritos.

Enfim, a calma.

Por volta das 17h30, as filas de visitação estavam melhor organizadas. Passavam cerca de 80 pessoas, em fila de dois, por minuto, e, na verdade, as pessoas quase não conseguiam ver o presidente. A fila andava rápida demais. Um rapaz de 20 anos disse que era a terceira vez que entrava na fila e não tinha visto o doutor Tancredo:

— Eles estão enganando a gente. Você não pode nem parar lá dentro. Eu sou mineiro, mas mineiro é um bicho burro mesmo.

O major Natal, que estava comandando o policiamento, olhava para o seu pessoal suando, cansado, mas ainda assim estava satisfeito por não ter visto uma catástrofe sem precedentes em sua cidade.

Até o começo da noite, ele ainda não tinha capacidade para fazer uma avaliação do que havia acontecido, mas viu que o povo não conseguia escutar, nunca tinha visto pessoas tão emocionadas:

— Era como se tivessem visitado uma pessoa da família que havia morrido, explicava.

Dizia também que o povo estava em pedaços, sofrendo há 40 dias com a doença do presidente, mas disse que a polícia mineira estava preparada para todo tipo de acontecimento, ainda mais depois de assistir a manifestação do povo em São Paulo e em Brasília. Sabia que em Minas seria muito pior.

Há 22 anos na corporação, o major nunca viu coisa igual:

— Também foi a primeira vez que um presidente morreu aqui.

E reconheceu:

— Dona Risoleta conseguiu evitar uma tragédia. A palavra dela foi muito importante.

O tenente-médico Higino, que trabalhou com mais oito médicos no atendimento do pessoal no Palácio da Liberdade, estava ainda atônito com o que tinha visto.

O governador Hélio Garcia não pensava assim, nem se arrependia de ter lutado para que o corpo do presidente tivesse vindo para Belo Horizonte:

— O povo, em ordem, viu o presidente.

Com segurança, dentro do palácio, ele talvez não pôde sentir o que ocorria lá fora. Depois que o bispo d. João falou, rezou, e o padre Nereu de Castro conseguiu rezar e cantar com o povo até às 18h45, então o presidente Tancredo Neves pôde descansar em paz.

E até o cego Eduardo Pereira de Souza pôde entrar para dizer adeus ao presidente, com a ajuda de um PM.

— Vim aqui para uma visita social ao presidente, disse ele para o rádio. E passou feliz pelo caixão, enquanto o povo já acompanhava a missa, e rezou por toda a noite.

Vital Battaglia